

## FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: UMA ANÁLISE TEÓRICA DAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS INDÍGENAS

Letícia Vilarinho Gomes<sup>1</sup>  
Mayara Gloria Rael de Oliveira Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como principal objetivo fazer uma análise teórica sobre a influência da cultura indígena no Festival Folclórico de Parintins, sendo ela presente nos rituais do bumbódromo, no processo de criação das toadas e nos bois-bumbás (Garantido e Caprichoso). Os dados pesquisados para a realização da análise vieram de diversos artigos, dissertações, entre outros materiais acadêmicos sobre os indígenas na região de Parintins, e a riqueza nos aspectos indígenas que o festival apresenta. A busca pela compreensão e valorização das questões indígenas são especialmente impulsionadas a partir da década de 1980, visando os processos históricos de marginalização, negação e tentativa de apagamento dessa identidade cultural, para levantar debates sobre a incorporação desses povos na sociedade. Já no campo cultural, essas questões foram evidenciadas a partir da década de 1990, com os novos significados das festas populares, sendo o caso do Festival Folclórico de Parintins (AM), posteriormente considerado patrimônio cultural pelo IPHAN e recebendo reconhecimento à nível mundial. Esta região também é conhecida como Ilha Tupinambarana em tributo à tribo indígena que lá habitava, o que destaca os vínculos históricos da presença indígena e a grande influência na construção da identidade cultural parintinense.

**Palavras-chave:** Festival Folclórico de Parintins; culturas indígenas; Parintins/Amazônia; cultura popular; boi-bumbá.

### INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, encontram-se cada vez mais presentes as questões dos povos indígenas, principalmente no que diz respeito ao seu reconhecimento e inserção perante as conjunturas econômicas e sociais do Brasil. Desse modo, é importante assimilar a dinâmica histórica dos povos em questão e as narrativas variadas que são formadas acerca de suas realidades. A maneira de inserir a Amazônia diante dos cenários internacionais e nacionais é repleta de diversas peculiaridades e contestações baseadas em modelos de imposição e o negar da historiografia, configurando grandes problemas para a identidade e a valorização dos símbolos que existem. Com isso, os debates com relação à Amazônia não se limitam apenas ao acadêmico, também

---

<sup>1</sup> Graduanda em Produção Cultural, IFRJ/Campus Nilópolis. leticiavilarinho@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Produção Cultural, IFRJ/Campus Nilópolis. maygrael@gmail.com

transbordando para as festas populares, ensejadas pelos diversos processos de migração e pela inserção de elementos já existentes.

A cidade de Parintins, localizada a cerca de 370 quilômetros de Manaus, na região correspondente ao Baixo Rio Amazonas, é destaque pelo seu festival folclórico realizado desde 1966 com formato de disputa. Entretanto, a história dos agentes envolvidos remonta ao ano de 1913, quando se deu a fundação dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso.

No referido festival, também são apresentados personagens e características que remetem ao cotidiano amazônico, como: o caboclo ribeirinho, lendas amazônicas, rituais e figuras típicas regionais. É notável a forte presença da cultura indígena, materializada em seus aspectos tradicionais e processo criativo.

Como estudantes de Produção Cultural, nosso interesse pelo tema se originou das disciplinas de culturas populares presentes no curso. Indubitavelmente, o festival é um importante espetáculo e manifestação cultural, que além de exercer um importante papel de expressão artística brasileira e nortista, movimenta a economia, o turismo local e abre portas para que muitos produtores culturais trabalhem na área.

Este artigo tem como propósito efetuar uma análise teórica sobre a influência da cultura indígena no processo de criação e nas transformações do Festival Folclórico de Parintins, suas alegorias, categorias, toadas e boi-bumbá. Buscamos associar as dramatizações no bumbódromo e as toadas, com as realidades que existem na região, os agentes envolvidos, e os aspectos indígenas e culturais da Amazônia trazidos, sendo eles reflexo de sua etnografia e toda a herança da cultural que é pertinente a Parintins.

## **A PRESENÇA INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Parintins é uma cidade com 115.363 habitantes (2020), de médio porte e localizada à margem direita do Rio Amazonas, sendo a maior parte de seus cidadãos descendentes dos índios Tupinambás. Vivem principalmente de atividades como a pesca, pecuária, produtos agrícolas, do artesanato, serviço público federal, estadual e municipal. A cidade também conta o Festival Folclórico de Parintins, considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), uma das

maiores atividades culturais, econômicas, e que veio a se tornar a grande atração turística da cidade. (Souza, 2013).

Por volta de 1660, foram registradas as primeiras viagens exploratórias da Coroa Portuguesa em Parintins. A região era habitada por diversas etnias indígenas, tais como os Tupinambaranas, que deram origem ao nome da ilha em que o município está localizado, a Ilha Tupinambarana. O nome “Parintins” só passou a ser utilizado em 1880 quando a sede passou a categoria de cidade, em homenagem aos povos indígenas Parintintins, um dos diversos que habitavam a região. (Oliveira e Andrade, 2018).

No decorrer de sua existência, a Terra Indígena é caracterizada principalmente pela questão dos índios isolados sofrendo inúmeras ameaças fundiárias e também pelo desmatamento, que contribuem para uma possível diminuição populacional e pela ocorrência de embates violentos. A realidade conflitante enfrentada pela etnia Sateré-Mawé que habita os espaços urbanos de Parintins demonstra a visão e o tratamento que os indígenas historicamente recebem na sociedade ocidental. É frequente o fenômeno da migração para os Sateré-Mawé, sendo este um processo cultural que acontece desde suas origens. (Paiva e Soares, 2015).

O município de Parintins, que se apresenta ao mundo como grandioso, enfrenta problemáticas amplas de cunho social e econômico. Nesse cenário, encontram-se os já mencionados indígenas Sateré-Mawé, que inclusive são exaltados nos três dias do Festival na figura do pajé e das tribos, mas que no decorrer dos outros dias do ano são entregues à própria sorte. Na cidade, os Sateré-Mawé se deparam com uma realidade diferente do contexto vivenciado nas comunidades indígenas. Essas disparidades têm raízes culturais, mas também econômicas e sociais, uma vez que, quando se deslocam para a área urbana, passam por situações precárias de trabalho, renda, moradia, saúde e educação. (Ferreira, et al. 2013).

A inserção da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) na região, relacionada com instalação das bases e dos batalhões do Exército, excede os enfoques jurídicos e também de ordenamento territorial, mas ressoam na literatura e na cultura, principalmente na reconstrução da identidade linguística da região e também nos projetos voltados ao contato e à segurança dessas populações.

## O FESTIVAL

A cidade de Parintins ganhou reconhecimento mundial devido à realização do Festival Folclórico de Parintins, que ocorre com base na competição dos bumbás Garantido (o boi vermelho que possui um coração na testa) e Caprichoso (o boi azul que possui uma estrela na testa). Ele é um dos maiores festivais a céu aberto do Brasil, tendo suas atenções direcionadas para a disputa anual dos dois bumbás, que ocorre oficialmente na arena do bumbódromo, em meio a camarotes, cadeiras e arquibancadas ocupados tanto por torcedores e admiradores que moram na cidade de Parintins, quanto provenientes de outras partes do Brasil e do mundo.

O evento acontece durante três dias, atualmente ocorrendo no último final de semana do mês de junho, com cerca de 5 horas de espetáculo, em que cada bumbá tem um tempo de 2 horas e 30 minutos para fazer a sua apresentação. Eles são avaliados por cerca de 21 itens que estão estabelecidos no regulamento e que, segundo Batalha e Montardo (2013, p.4, *apud* SANTOS, 2020), possuem sua conjectura dividida em três blocos: musical, cênico/coreográfico e artístico. Desde 1966, ele acontece obedecendo a este formato da disputa entre os dois bois, apesar da história dos bumbás na cidade ter tido início no ano de 1913.

A festa, que teve sua história iniciada de forma tímida em 1965 por meio da influência da Igreja Católica, sofreu grandes transformações no âmbito da sua temática já no ano seguinte, ao agregar os bois-bumbás e crescer a cada ano, até atingir proporções nacionais e mundiais, recebendo patrocínios notáveis que trouxeram mudanças na relação com o capital e com o setor turístico. (Cavalcanti, 2000).

O primeiro artista plástico que o festival teve foi Jair Mendes, que angariou conhecimentos ao trabalhar com a construção de carros alegóricos das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro nos anos 1970, e levou essas noções e conceitos em seu retorno para Parintins, realizando suas primeiras participações como um profissional das alegorias do festival. Desde então, o evento passou a sofrer um processo de padronização artística que veio se aprimorando ao longo dos anos (Braga, 2002, p.106, *apud* SANTOS, 2020).



*Alegoria criada por Jair Mendes na terceira noite do Garantido de 2019. Foto: Diego Araújo/SRzd.*

Impulsionados pela festa, os parintinenses se preparam para receber os visitantes. A prefeitura local faz entregas do cartaz do festival, que é resultado de um concurso de telas que ocorre nos meses de março e abril junto aos artistas locais. Os vendedores ambulantes chegam em profusão nas praças que exercem centralidade nas festas: A da catedral e a da antiga prefeitura, montando suas barracas de comida, artesanato e diversas mercadorias que contribuem para o comércio e economia local. Entre esses vendedores estão os membros de grupos indígenas e moradores das redondezas, cujos artistas dos bois recorrem a suas barracas na última hora para completar um ou outro adereço de suas tribos. (Souza, 2017, p.128)

Cavalcanti (2000, p. 1019) destaca que, no contexto da Amazônia, o festival folclórico de Parintins alcança dimensões massivas, conjugando, de modo inesperado e criativo, padrões e temas culturais tradicionais a procedimentos e abordagens modernizantes.

## **AS INFLUÊNCIAS INDÍGENAS NAS TOADAS E NOS ASPECTOS DO FESTIVAL**

Nakanome (2017, p.54) salienta que, no decorrer da história do festival, ocorreram diversos processos de transformação e reconfiguração para que ele se tornasse o grande espetáculo apresentado na arena que conhecemos hoje. Pudemos observar que, nos anos 1990, as questões indígenas, pré e pós-coloniais começaram a

ganhar força dentro do evento e a serem inseridas de forma constante nas narrativas, dramatizações, composições, simbologias, toadas, coreografias, alegorias e representações, dando visibilidade às diversas manifestações e construindo uma identidade voltada à Amazônia.

“O tema indígena encontra-se distribuído entre os 21 quesitos que compõem a apresentação do Festival Folclórico de Parintins. Entre estes, 07 deles são especificamente referentes ao tema indígena: Ritual Indígena; Rainha do Folclore; Cunhã-Poranga; Pajé; Tribos Indígenas; Lenda Amazônica; Tuxauas. O item 11 - Toada, que é especialmente relativo às letras dessas composições, considerando a inclusão do tema indígena, é apresentado e discutido no panorama histórico e sociocultural dos Bois-Bumbás.” (Cavalcanti, 2000, p. 1033).

Também por meio de Cavalcanti (2000, p.1033), entende-se que um dos principais fatores que colaboraram para o impulsionamento do Festival Folclórico de Parintins em nível nacional e mundial, foi justamente a inserção do tema indígena na trama do “Auto do Boi”, importante categoria do desfile dos bumbás.

## **ASPECTOS DO FESTIVAL**

As transformações das apresentações na década de 1990 fomentaram uma nova forma de exposição no que diz respeito à figura do indígena no festival. Em 1995, foi criado um novo quesito, o ritual, cuja encenação estrelada pelo Pajé é atualmente o apogeu de cada noite da apresentação. A presença do pajé é um grande exemplo desse processo de transformação cultural, pois se antes o mesmo aparecia somente para reviver o boi, agora ele recebe uma nova configuração e atribuição. Por meio do ritual, ele surge para encenar uma luta entre o bem e o mal, combatendo um espírito aterrorizante de um determinado grupo indígena (Cavalcanti, 2000). A propósito disso, no livro “Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins” Valentin (2006, p.47) enfatiza:

“O final da apresentação de cada Boi é marcado por uma encenação apoteótica, o ritual. Para servir de palco e cenário para uma história cujo tema central é sempre a luta do bem contra o mal, no centro do bumbódromo

um enorme cenário é montado, através de módulos que vão sendo armados na arena. Ali, sob efeitos especiais, luzes e fogos, centenas de figurantes desenrolam momentos de intensa dramaticidade. O pajé, com suas sofisticadas fantasias e complexas coreografias, é o ator principal, o herói desta epopeia amazônica.” (*apud* Batalha 2010, p. 88)

Os personagens indígenas relacionados a esse conjunto, foram aos poucos se destacando e ganhando uma crescente importância. São exemplos a cunhã-poranga (“mulher mais bela da tribo”), os tuxauas (chefes indígenas cujas fantasias são pequenas alegorias), o pajé, as tribos femininas e masculinas e um novo quadro cênico: o ritual. Esse processo foi acompanhado pela temática das toadas, como por exemplo uma toada de 1992 que aborda o índio como o "humilde parceiro do boi"; para conduzir a aparição do pajé no momento do ritual, as toadas narram mitos indígenas, descrevem catástrofes e características associadas a esses povos. Os fatores marcantes do ritual, são advindos desses personagens citados e de seus aspectos fantasmagóricos; são suas danças e animais que promovem essa luta entre o bem e o mal na apresentação.

Seguindo a ordem de apresentação, temos os tuxauas adentrando a cena, seguidos pelas tribos masculinas e femininas que apresentam suas danças coreografadas, e vão enchendo o bumbódromo gradualmente, e por fim o pajé (Cavalcanti, 2000).

O pajé se configura como figura central do ritual, relacionada às temáticas do xamanismo religioso e da relação com a cura. Nakanome (2019, p.63) aponta esse momento ligado da apresentação como algo glorioso e que reforça a importância do indígena como principal símbolo do espetáculo, sendo um elemento que transparece uma carga romântica de heroísmo.

Quanto às categorias que fazem parte da apuração do festival, podemos citar duas que destacam e avaliam aspectos indígenas, são elas: a lenda amazônica, que avalia a encenação de lendas indígenas no bumbódromo; e as figuras típicas regionais, que como o próprio nome diz, avalia as fantasias e alegorias, e o quanto elas retratam a cultura e o folclore do povo da região.

## **TOADAS**

Falar de toadas é expressar o dia a dia do caboclo amazonense, é falar de mitos e lendas, é expressar o linguajar falado pelos antepassados indígenas, negros e brancos (Cardoso, 2020, p.116). Essas palavras e expressões indígenas se inserem no festival, principalmente, nas toadas que tratam dos rituais, das tribos, das figuras regionais e da cunhã-poranga.

As toadas também conduzem a encenação do boi durante os três dias de festival, na última semana do mês de junho. Tratam-se de composições musicais desenvolvidas para os bumbás, nas quais podemos encontrar versos que fazem referência a aspectos individuais ou coletivos, sobre questões etnográficas, culturais e territoriais da Amazônia, sempre de acordo com as características do boi-bumbá em questão e do tema escolhido durante o ano para ser apresentado na arena do bumbódromo.

Dos anos 2000 até os dias atuais, as toadas continuam a retratar temas pertinentes sobre costumes e tradições dos povos amazônicos. Tribos como: Kayapó, Mundurucu, Apinaié, Parintintin, Hixcariana e Sateré-Mawé, rituais e terminologias indígenas que agregam o festival e aparecem cada vez mais detalhadamente nessas composições. Um exemplo dado por Cardoso (2020, p.123) é a toada “Pajé”, apresentada a seguir:

“Pajé”<sup>3</sup>

Pajé, Pajé

Pajé poderoso na fé, a visão **Yagé**

O senhor do sol e da lua

Surge ao som do trovão

E convoca as tribos para celebração

Canta na dança de guerra

Na dança da cura

Na dança do fogo e da chuva

Toquem **maracás** rufem **tamurás**

Começa a dança do grande Pajé

É a pajelança do grande Pajé

---

<sup>3</sup> Autores: Demétrius Haidos/Geandro Pantoja/Jacinto Rebelo. Agremiação Folclórica Boi Bumbá Garantido. Ano: 2012. Fonte: CD Tradição.

**Piaga, Kumu, Sakaka, Paini, Xamã (2x)**

[...]

Em transe a metamorfose nos bichos

Tarântula, guariba, camaleão

Serpente, ariranha, escorpião

Kayapó, Mundurucu, Apinaíé

Parintintin, Hixcariana, Sateré-Mawé

Começa a dança do grande Pajé

É a **pajelança** do grande Pajé

**Piaga, Kumu, Sakaka, Paini, Xamã (2x)**

Essa composição traz sinônimos do título da música, sendo eles: Piaga, Kumu, Sakaka, Paini, Xamã, todas significando curandeiro/feiticeiro da tribo. Também nesta toada, palavras como “Yagé”, sendo uma planta alucinógena da Amazônia, “pajelança” que é o nome de um ritual indígena, “Maracás” sendo eles chocalhos indígenas, e “tamura” que são tambores feitos de troncos de árvores, aparecem reafirmando essa utilização de termos desses nativos. (Cardoso, 2020, p.124).

Outro temas muito recorrentes dessas obras, é a preocupação com o meio ambiente e a cultura regional, trazendo muitas expressões que reforçam a destruição da floresta, da cultura desses povos e que apelam ao engajamento de todos para a conservação dos recursos naturais, promovendo um discurso de cidadania ambiental (Oliveira, 2011, p.1). Como apresenta o exemplo a seguir:

“Filhos do Sol”<sup>4</sup>

“Somos filhos do Sol

Somos filhos da mata

Nosso povo é de fé, de fé

Nossa gente é pacata

Somos do São José

Não mate a mata seu moço

---

<sup>4</sup> Autores: Inaldo Medeiros/Paulinho du Sagrado. Agremiação Folclórica Boi Bumbá Garantido. Ano: 1991. Fonte: CD Uma origem cabocla

Deus Tupã disse que não  
Defenderemos o verde  
Com arcos e flechas  
Tacapes na mãos”.

## **O BOI-BUMBÁ**

A rivalidade entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso são sem dúvidas, o alicerce do Festival Folclórico de Parintins, tendo em vista que o desfile competitivo entre os dois e o fato deles serem ícones folclóricos abriram portas para que diversos outros aspectos culturais da região amazônica fossem engendrados nas apresentações, tornando-se o espetáculo que conhecemos hoje.

As formas e o enredo temático do Bumba-meu-boi ou Boi-bumbá, sempre tratam da história da morte e da ressurreição de um boi que está representado por uma alegoria feita de pano, pau e que é manuseada por um homem em seu bojo, trazendo movimentos que emulam um boi de verdade (Biriba e Martins, 20005). No século XVIII se iniciou no nosso país o culto ao boi, posteriormente sua conversão em boi alegórico e o surgimento de suas variantes ao redor do Brasil.

Em sua origem, os bumbás de Parintins evidenciavam a estrutura social da época, já que a maior parte de seus brincantes advinha das classes sociais mais pobres. Apesar disso, essa manifestação instaurou um papel de hegemonia cultural dentro da sociedade por também atrair e ser apoiada pelas classes sociais mais privilegiadas da cidade. (Filho, 2002).

Em Parintins, o “brincar de boi” promove uma grande força de criação desde sua origem, onde seus brincantes com toda criatividade e dedicação contribuíram com a formação do ethos cultural<sup>5</sup> dos bois Garantido e Caprichoso. Ambos já nasceram rivais e até hoje “fragmentam” a cidade em torcidas divergentes. (Filho, 2002).

Os dois bois expressam conflitos significativos na história uma vez que faziam das ruas de Parintins o seu espaço para duelos. De um lado brancos e de outro caboclos, sendo assim, possível observar o antagonismo entre os Bois Caprichoso e Garantido

---

<sup>5</sup> O antropólogo Darcy Ribeiro define ethos cultural como a expressão da cultura e da identidade de um povo.

nessa perspectiva, esses dois grupos enfrentam espaços de poder constantemente, no âmbito político e cultural do Estado do Amazonas, visto que o Boi Caprichoso é o boi da elite e o Boi Garantido é o boi do povo. (Biriba e Martins, 2005).

Dentro do contexto do festival, ele sempre foi principal símbolo do espetáculo, porém sua eclosão se deu ainda mais a partir do novo universo simbólico que se configurou por meio da exaltação de elementos indígenas inseridos no mesmo. A ênfase que foi dada à essas características na década de 1990, o tornou marcante e desponta a uma afirmação de uma identidade regional, pondo a cultura desses povos pertencentes à região em posição de destaque; e com isso, promovendo um nativismo e o atrelando à figura dos boi-bumbás de Parintins. (Cavalcanti, 2000).

A festividade traz a arena simbolismos regionais que representam os povos indígenas e o homem ribeirinho nortista. A encenação do boi-bumbá é muitas vezes definida como um ato popular, termo que alude às formas alegóricas do teatro medieval, e no âmbito do folclore, as formas teatrais cuja ribalta é a rua ou a praça.

Oliveira (2018, p.113) afirma que o conjunto folclórico de apresentação do bumbá incumbe às concepções de uma análise teórica e também uma narrativa com uma adaptação para a musicalidade. Assim como as toadas, o bumbá de Parintins tem como característica a alegria de celebrar a cultura indígena, aliado ao apelo pela consciência ambiental e proteção dos recursos naturais, pois este é um fator essencial para a manutenção de muitos povos da região.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas leituras que fizemos, podemos concluir que construção identitária do Festival Folclórico de Parintins traz, em seus traços, uma conjuntura vinculada a uma dramatização quando são inseridas palavras, expressões, fazeres e tradições existentes na cultura indígena e amazônica dentro dos aspectos do festival, além de representar o cotidiano de seu povo. Desta forma, ele traz a valorização e visibilidade para a cultura regional, além da questão do romantismo heroico.

No âmbito da produção cultural, o festival abrange diferentes segmentos artísticos como a música, as artes cênicas, as artes plásticas, a teatralidade, entre outras. Por ser uma importante festa da cultura popular brasileira, ela oferece um amplo

mercado de trabalho para produtores da área da cultura e impulsiona a economia de Parintins.

O índio como personagem, parte da identidade e ponto central do festival, é relacionado a diversos aspectos e a todo um cenário de transformação cultural para o espetáculo. Desta forma, o evento vem trazendo uma possibilidade de manifestações associadas ao pertencimento da identidade cultural amazônica e dando visibilidade às riquezas indígenas, territoriais e regionais à nível mundial, como destacam os autores Cavalcanti (2000) e Nakanome (2017, p.60).

Sendo assim, o embate dos bois na arena representa uma disputa local que foi se constituindo com a própria história do festival. A toada é uma espécie de “ponte” que interliga a cultura indígena com a realidade dualista presente no cotidiano de Parintins. A relação entre a questão indígena e o Festival Folclórico de Parintins, não reside somente no formato de espetacularização, mas também remete ao lúdico e a uma narrativa expositiva e dramatizada, com aspectos de interação do público e um reflexo do povo que faz história na região, perpetuando suas tradições. Também pudemos perceber ressonâncias do tema nas esferas da pesquisa científica e educacional, potencializando o Festival de Parintins como um meio de inserção social e de valorização identitária.

## REFERÊNCIAS

BATALHA, Socorro de Souza. Festival Folclórico de Parintins: um estudo sobre a presença indígena na composição das toadas e a produção do cenário artístico apresentado no bumbódromo (1995-2010). **Somanlu Revista de Estudos Amazônicos**, Amazonas, v. 10 n. 2 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/493/321>> Acesso em: 02 fev. 2021.

BIRIBA, Ricardo Barreto; MARTINS, Suzana Maria Coelho. Parintins, Cidade Ritual: Boi-Bumbá, Performance e Espetacularidade. **Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia – Escola de Teatro – Escola de Dança Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas**. 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27484>> Acesso em 19 mar. 2021

BOI-BUMBÁ do Amazonas agora é Patrimônio Cultural do Brasil. **Portal Iphan**, 31 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4887>> Acesso em: 02 fev. 2021.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. Cancioneiro das Toadas do Boi-Bumbá de Parintins. 291f. **Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes**, Manaus. 2013. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1869>> Acesso em: 02 fev. 2021.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. Palavras e expressões indígenas em toadas de boi bumbá. **Tena Editora** 2020. Disponível em: <<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/33375>> Acesso em 19 mar. 2021.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, supl. p. 1019-1046, set. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702000000500012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 fev. 2021.

COSTA, Selda Vale da. Boi-bumbá, memória de antigamente. **Somanlu**, v.2, número especial, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/268/142>> Acesso em: 19 abr 2021.

FAMOSO artista de Parintins, Jair Mendes é internado com Covid-19. **SRzd**, 15 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.srzd.com/entretenimento/famoso-artista-de-parintins-jair-mendes-e-internado-com-covid-19/>> Acesso em: 02 fev. 2021.

FERREIRA, Abilio Jose; SEIXAS, Caroline; FRAGA, Cristiane de Carvalho; DUARTE, Edilza; COSTA, Ellen Kethlen da Silva Costa; PEREIRA, Jéssica da Cunha; MUNIZ, Mônica. Sobre a dinâmica da produção da experiência urbana indígena em Parintins – uma aproximação antropológica. **RELEM – Revista Eletrônica Mutações**, Amazonas, v. 4 n. 7 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/556>> Acesso em: 02 fev. 2021.

FILHO, Raimundo Dejard Vieira. A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **Somanlu**, v.2, número especial, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/258/132>> Acesso em: 19 mar. 2021.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>> Acesso em: 19 mar. 2021.

NAKANOME, Erick da Silva. A representação do Indígena no Festival Folclórico de Parintins. **Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Salvador**. 2017. Disponível em: <[http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/ericky\\_da\\_silva\\_nakanome.pdf](http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/ericky_da_silva_nakanome.pdf)> Acesso em: 19 mar. 2021.

NAKANOME, Ericky da Silva. O boi-bumbá de Parintins como agente de educação patrimonial no estado do Amazonas. **RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**. Ano 4, Vol. VI, Número 1, Jan- Jun, 2020, p. 151-176. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/download/7567/5311/>> Acesso em: 19 mar. 2021.

NAKANOME, Ericky da Silva; SILVA, Adan Renê Pereira da. O indígena no imaginário alegórico dos bumbás de Parintins. **Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB**. v. 10 n. 1, 2019. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/72eac78e82554504c2cd81f37df0b39a/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2031955>> Acesso em: 02 fev. 2021

OLIVEIRA; Vânia Beatriz Vasconcelos de. Toadas de Bois-Bumbás da Amazônia promovendo a Cidadania Ambiental. **Mídia Cidadã - II conferência Sul-americana, VII conferência brasileira, I Seminário Regional ALAIC**. 2011. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/917561/1/AlaicOliveira.pdf>> Acesso em 19 mar. 2021.

PAIVA, Ignês Tereza Peixoto de; SOARES, Atérmis. O cotidiano de indígenas urbanos no baixo Amazonas, Amazônia brasileira. **IX Encontro Regional Norte de História Oral, VIII Semana de história do CESP-UEA**. Disponível em: <[https://www.norte2015.historiaoral.org.br/resources/anais/12/1444082900\\_ARQUIVO\\_ArtigoIgnesTerezaPeixotodePaiva.pdf](https://www.norte2015.historiaoral.org.br/resources/anais/12/1444082900_ARQUIVO_ArtigoIgnesTerezaPeixotodePaiva.pdf)> Acesso em: 19 mar. 2021

SANTOS, Gabriel Augusto Nogueira dos. Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari. **Revista Cocar** V.14., N.30, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3736>> Acesso em: 02 fev. 2021

SILVA, Dulcilândia Belém da. A presença do léxico indígena nas toadas de Boi-Bumbá de Parintins. **Repositório Institucional UEA**, Amazonas, 2015. Disponível em: <<http://177.66.14.82/handle/riuea/1893>> Acesso em: 02 fev. 2021

SILVA, Maria de Lourdes Ferreira da. Representação do indígena no Festival Folclórico de Parintins/Amazonas. 2017. 134 f. **Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas**, Manaus, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6796>> Acesso em: 02 fev. 2021.

SOUZA, Nilciana Dinely de. O Processo de Urbanização da cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação. **Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo – Programa de Pós-graduação em Geografia Humana**. 2013. Disponível em : <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-23102013-120716/publico/2013\\_NilcianaDinelyDeSouza\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-23102013-120716/publico/2013_NilcianaDinelyDeSouza_VCorr.pdf)> Acesso mar. 2021.

SOUZA, Valdilene Siqueira de. Centralidade urbana em cidades ribeirinhas da Amazônia: Parintins-AM. **Dissertação (Mestrado em geografia) UFAM Instituto de Ciências Humanas e Letras - ICHL Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGEO Mestrado em Geografia.** 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5997/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Valdilene%20S.%20Souza.pdf>> Acesso em 19 mar. 2021.